

Formatos Noticiosos no Telejornalismo: Características e Transformações Sob o Olhar dos Estudos Culturais¹

Ana Karoliny Chrystina Macedo de HOLANDA²

José Tarcísio da Silva OLIVEIRA FILHO³

Universidade Federal de Roraima, Roraima, RR

RESUMO

O trabalho relata os resultados iniciais de um projeto de iniciação científica que reflete sobre os tipos e as características dos formatos noticiosos dos telejornais e suas transformações em decorrência do tempo e da sociedade a partir dos Estudos Culturais. O objetivo é investigar como o telejornalismo local se transformou durante a pandemia da Covid-19 e quais foram as mudanças que permaneceram. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica envolvendo conceitos-chaves da investigação proposta. A discussão aponta que a concepção de formatos noticiosos pode ser tensionada pelos Estudos Culturais, evitando uma caracterização rígida sobre suas formas.

PALAVRAS-CHAVES: formatos culturais; Estudos Culturais; pandemia; comunicação.

INTRODUÇÃO

Os formatos noticiosos são fundamentais para a organização dos telejornais. Todos os dias, os jornais televisivos, sejam de escalas locais, nacionais ou mesmo oriundos de agências de notícias internacionais, os utilizam para estruturar suas narrativas noticiosas. Não há um consenso entre os estudiosos sobre a quantidade de formatos no telejornalismo, visto que com as transformações midiáticas, tanto no aspecto da produção, como no da recepção/apropriação, surgem novos formatos, muitos deles, híbridos (Andrade Neto, 2022).

As suas definições conceituais também variam, contudo, no estudo de Mata e Coutinho (2011), acredita-se que os formatos são um meio de identificar o modo de passar a notícia de cada veículo. Portanto, são um caminho que “nos ajudam a identificar as características de linguagem de cada telejornal, ou em outros termos, as convenções narrativas adotadas por cada noticiário” (Mata; Coutinho, 2011, p. 107).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Telejornalismo), evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRR-RR, email: karol.holanda.ck@gmail.com.

³ Orientador e Professor do Curso de Jornalismo da UFRR-RR, email: jose.tarcisio@ufr.br.

Para François Jost (2004, *apud* Mata; Coutinho, 2011), os formatos noticiosos possuem uma ideia de contrato, uma espécie de promessa entre o jornal e o telespectador. Eles podem se modificar com o tempo ou com a mídia, porém muitos costumam manter as suas características. No presente resumo, nos propomos a descrever os resultados iniciais de uma pesquisa de iniciação científica que busca verificar como o telejornalismo local de Roraima se transformou durante a pandemia da Covid-19. Apresentamos a discussão referente à etapa de pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005), envolvendo conceitos-chaves da investigação, como a própria conceitualização e caracterização dos formatos noticiosos, assim como um tensionamento a partir dos Estudos Culturais.

FORMATOS E GÊNEROS: CARACTERIZAÇÕES NO TELEJORNALISMO

Andrade Neto (2022) apresenta os gêneros jornalísticos a partir das categorias elaboradas por José Marques de Melo (2003), sendo elas a de informar e a de opinar, pois para os jornalistas lhe é possibilitado o “dever de informar e o poder de opinar” (Marques de Melo, 2003, p. 25). Os gêneros são como o primeiro passo para apresentar as peculiaridades da mensagem e “correspondem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo” (Marques de Melo, 2003, p. 11). Desse modo, o autor propõe uma sistematização dos gêneros e formatos. No informativo estão a nota pelada e coberta, a reportagem, ao vivo, o *stand-up*, o *audiotape* e a entrevista. Já o opinativo contempla a escalada, passagem de bloco, o editorial, o comentário, coluna e crônica. Os componentes da categoria opinativa não são considerados exatamente formatos, pois não contam uma notícia e sim compõem a estrutura e/ou são elementos usados pelo veículo jornalístico (Andrade Neto, 2022).

Sobre os formatos noticiosos, segundo o autor, são um meio dos jornalistas de transformarem e ressignificarem a notícia a fim de envolverem a sua audiência no seu telejornal. A definição pode ser complementada pela perspectiva de Temer e Tuzzo (2020), que descrevem os formatos como um meio de inserir simbolicamente o telespectador nos telejornais e “também assume a presunção do telejornalismo como um sistema simbólico frente às relações estabelecidas pelos jornalistas que participam da elaboração do material” (Temer; Tuzzo, 2022, p. 44).

Em vias de contextualizar os formatos, a reportagem é uma matéria completa, com começo, meio e fim, onde é encontrado o relato mais profundo de um fato e com diversos

lados do mesmo acontecimento (Andrade Neto, 2022). Além disso, uma reportagem é composta de uma “[...] narração do repórter (chamada de *off*) coberta por imagens ou ilustrações; um momento em que se queira destacar o som ambiente, chamado de *sobe som*; a presença do repórter em cena, chamada de *passagem*; e a fala dos entrevistados” (Andrade Neto, 2022, p. 57). De acordo com Emerim (2010), a reportagem televisiva é complementada com um boletim, além da sonora e do *off* já descritos. A autora acrescenta que o formato não necessita, a não ser em situações específicas, da aparição do jornalista.

O vivo é o fato transmitido em tempo real (Andrade Neto, 2022). O *Stand-Up*, ou falso ao vivo, é um formato semelhante, logo confundido com ao vivo, contudo é um conteúdo pré-gravado. A nota pelada ou seca, de comum acordo entre a maioria dos autores, consiste em narrar uma notícia sem qualquer outro recurso além da fala do jornalista (geralmente o apresentador), portanto, não possui nenhum elemento visual para ilustrar o acontecimento. Segundo Marques Neto (2003), a nota seca compartilha um fato que se encontra em processo de se formar e que precisa ser divulgado mesmo assim. Já quando há imagens “cobrindo” a informação, o formato é chamado de nota coberta. Essa nota se diferencia da seca pelo fato de haver a presença de imagens. “[...] a imagem do apresentador é, literalmente, coberta por imagens que ilustram o que está sendo dito” (Andrade Neto, 2022, p. 64), e a sua “principal característica é a narração do apresentador” (Andrade Neto, 2022, p. 66). O formato é usado quando há a necessidade de informar mais detalhes e também quando há disponibilidade de imagens.

A entrevista é um formato que está ligado na dinâmica entre entrevistado e apresentador. O entrevistado é convidado para transmitir informações das quais possui autoridade, visto que a entrevista frequentemente é temática. O *audiotape* se trata da gravação de áudio por parte do jornalista (geralmente por celular) e a partir disso é gravado um vídeo, com a imagem do profissional no mapa da cidade com sua localização. O *audiotape* é um recurso em desuso pelo telejornalismo, ocasionado pelos avanços tecnológicos e “do cidadão como co-produtor de conteúdo tem facilitado a chegada de imagens” (Andrade Neto, 2022, p. 68). A escalada, passagem de bloco e o encerramento, não são considerados formatos noticiosos, porém, para Andrade Neto (2022), contém um caráter informativo. Todos são um recurso para chamar a atenção do telespectador, e como dependem da linha editorial, possuem suas peculiaridades em cada noticiário.

Após isso, o autor aborda o fenômeno da hibridização, processo onde os formatos clássicos, discutidos anteriormente, se juntam e formam novos. A pandemia pode ser

considerada um agente, visto que “a doença acelerou subitamente o processo de digitalização do telejornalismo, fazendo os profissionais dos noticiários de TV precisarem criar novas formas de montar sua narrativa” (Andrade Neto, 2022, p. 83). Ademais, segundo Charron e Bonville (2016), a hibridização levou o jornalismo a adotar novas abordagens como o humor, o tom familiar, a substituição da razão pela emoção, a mistura da ficção e realidade, entre outras. Esse novo caráter do discurso é potencializado pela modernidade e pela hiperconcorrência. Outro fator que problematiza a evolução e as dinâmicas dos formatos noticiosos é a Cultura.

FORMATOS NOTICIOSOS A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

Um dos estudos referenciais que propõe um olhar direcionado para a mídia televisiva a partir da Cultura, é *Televisão: tecnologia e forma cultural* de Raymond Williams (2016). A obra inicia com a frase “Costumava-se dizer que a televisão alterou o nosso mundo” (Williams, 2016, p. 25). Esta sentença, e outras de mesmo caráter, impulsionaram muitos pensamentos sobre tecnologia. Contudo, segundo Williams (2016), são genéricas e não contemplam as relações de tecnologia e sociedade. Algo demonstrado na análise das opiniões de causa e efeito chamadas de determinismo tecnológico e tecnologia sintomática, onde a tecnologia não se encaixaria na visão do autor, pois não é “algo produzido e desenvolvido com certos propósitos e práticas já em mente” (Williams, 2016, p. 27).

Essa relação é vista na história da televisão, ou seja, como outras tecnologias se desenvolveram com a sociedade até a invenção do aparelho. Esse processo, nomeado de radiodifusão, se tornou uma forte ferramenta social capitalista e, segundo Williams (2016, p. 36), “a radiodifusão pode ser diagnosticada como uma nova e poderosa forma de integração social e controle”. Além do mais, esse processo comunicacional impulsionou mudanças e melhorias na vida da população. Diante dessas mudanças, como novas condições de emprego e salário, a sociedade se viu em um cenário onde a vida familiar obteve também melhorias. Mesmo sendo lares, nomeados por Williams (2016) como privativos ou “autossuficientes”, havia anseio de consumir informações do exterior, algo antes praticamente impossível. Então os aparelhos comunicacionais suprimiram essa necessidade e melhoraram a vida dentro dos lares. É nesse cenário, entre 1930 e 1940, onde o aparelho televisivo doméstico ganha destaque. Apesar de ser “em vários sentidos, um meio insuficiente de radiodifusão visual” (Williams, 2016, p. 39) e caro, foi esse meio

inferior de radiodifusão que o lar privatizado mais se adaptou e as carências tecnológicas se tornaram menores comparadas às vantagens sociais. Portanto, na perspectiva dos Estudos Culturais, a televisão é consequência de uma formação sociocultural.

Assim, a radiodifusão televisiva possui um carácter dinâmico e os fatores relativos à sociedade, ao tempo e à cultura podem, então, modificá-la (Williams, 2016). Tais aspectos também podem ser considerados na concepção de *formatos culturais* e do próprio telejornalismo. De acordo com Silva (2016), o telejornalismo pode ser abordado enquanto produto cultural, conseqüentemente, os formatos noticiosos podem se modificar, de acordo com a sociedade, o tempo e a cultura. Assim, a autora, identifica que a entrevista (seu objeto de pesquisa), também foi se modificando pelos mesmos motivos. E para entender as singelas mudanças diante do tempo, diz ser necessário contemplar “as relações entre a prática jornalística e a cultura que configura seu modo de fazer e as expectativas em torno dela” (Silva, 2013, p. 4). A autora aponta as mudanças sofridas pela entrevista durante o tempo desde os seus primórdios franceses, onde o formato possuía o significado de “ver-se mutuamente” (Silva, 2013, p. 65), até o contexto brasileiro. Antes da ditadura militar, a entrevista era um formato totalmente ligado a política e após perdeu um pouco essa conexão, tornando-se um meio para induzir a reflexão da população e uma forma de entretenimento.

Outras mudanças dos formatos noticiosos, como a interface com o entretenimento, têm sido abordadas por estudos que se debruçam na análise da reportagem. De acordo com Emerim (2010), o formato, ao longo do tempo, passou a permitir que o jornalista agisse com mais naturalidade, sendo mais íntimo e familiar com o entrevistado e emitindo a sua opinião em conjunto com a fonte. Isso coloca a informação em segundo plano a favor das opiniões (Emerim, 2010). Outra transformação apontada é que as reportagens não estão somente levando a informação, mas também o humor e o drama, ou seja “as reportagens televisivas atuais têm quebrado o contrato comunicativo do gênero telejornal” (Emerim, 2010, p. 12). Por fim, o repórter se tornou o personagem principal no formato, e não somente o mediador dos fatos como o jornalismo tradicional prescreve. Essas mudanças podem ser abordadas como sendo conseqüências da hibridização.

Com esses exemplos, é possível entender como as mudanças históricas, sociais e, principalmente, culturais influenciaram transformações na entrevista e na reportagem. Desse modo, é possível utilizar o mesmo pensamento de Silva (2013), oriundo dos Estudos Culturais, para refletir sobre os formatos noticiosos apontados por Andrade Neto

(2022) no contexto histórico da Covid-19 e nas questões culturais desse período. Diante de mudanças no comportamento social e de novas dinâmicas culturais, os formatos noticiosos (e culturais) também passam a ser afetados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a perspectiva dos estudos culturais proposta por Raymond Williams (2016), percebe-se que as características dos formatos noticiosos e do telejornalismo foram se modificando em decorrência do tempo, da cultura e da sociedade. Portanto, as transformações ocorridas em um período histórico e nos meios sociais e culturais influenciam e impulsionam mudanças na televisão, no telejornalismo e em seus formatos.

Logo, os Estudos Culturais nos possibilitam analisar o jornalismo audiovisual no contexto da pandemia de Covid-19, onde a prática jornalística se reconfigurou. Segundo Olegário e Felipe (2020) aconteceram transformações editoriais que refletiram nas estruturas dos telejornais, desse modo, a rotina jornalística também se adaptou drasticamente à pandemia, como o trabalho remoto e o acúmulo de funções por parte dos jornalistas. Em consequência, os formatos noticiosos também sofreram adaptações com os distanciamentos sociais, como a entrevista que passou a ter o enquadramento de imagem e captação sonora precarizada. Em contrapartida, durante a pandemia, o sistema de trabalho em casa por parte considerável da sociedade, possibilitou um amplo acesso a fontes de outros estados e países por meio de plataformas digitais (Olegário; Felipe, 2020). Além disso, no período da pandemia foi frequente o *jornalismo diversional* ou *de serviço*, que é, segundo Temer e Tuzzo (2020), focado na prestação de serviços. Portanto, reportagens que orientavam a população a tomar medidas de proteção contra a Covid-19, são exemplos de jornalismo de prestação de serviço

As ponderações realizadas neste resumo constituem a primeira etapa de uma pesquisa de iniciação científica e que será complementada com a análise dos telejornais locais JRR1 e JRR2, da Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo em Roraima, para identificar as transformações nos formatos noticiosos ao longo das mudanças do tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE NETO, Luís Boaventura de. **A produção de notícias em formato híbrido no telejornalismo de rede da TV Globo**. Tese (Doutorado em Ciências da Informação). Universidade Fernando Pessoa. Porto-Portugal, 2022, 443 p.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

EMERIM, Cárlica. O texto na reportagem de televisão. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Rio Grande do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010, p. 1-15.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MATA, Jhonatan; COUTINHO, Iluska. Mídia, identidade e território: as cidades projetadas pelos formatos noticiosos no telejornalismo local. **Estudos em jornalismo e Mídia**, v. 8, b. 2, p. 355-371, 2011.

OLEGÁRIO, Leandro; FELIPE, Matheus. Redação isolada: Forma e conteúdo na construção da reportagem em tempos de quarentena. In. EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Orgs). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Editora Insular, 2020, p. 149-162.

SILVA, Fernanda Mauricio. Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista. **Rumores**, São Paulo, v 7, n. 14, p. 62-79, Jul-Dez, 2013.

STUMPF, Ida. Pesquisa Bibliográfica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo. Atlas, 2005, p. 51-61.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; TUZZO, Simone Antoniaci. Não basta informar, tem que participar: a inserção dos jornalistas nos novos formatos diversionais do telejornalismo. **Revista Intercom**, v. 43, n. 2, p.37-51, maio/ago. 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUCMinas, 2016.